



CONSERTAM-SE ARCO-ÍRIS

Ivan Jaf



Ilustrações *Fabiana Salomão*

ea
editora ática

Consertam-se arco-íris

© Ivan Jaf, 2006

Diretor editorial	<i>Fernando Paixão</i>
Editora	<i>Claudia Morales</i>
Editor assistente	<i>Anna Angotti</i>
Coordenadora de revisão	<i>Ivany Picasso Batista</i>

ARTE	
Editor	<i>Antonio Paulos</i>
Diagramador	<i>Claudemir Camargo</i>
Editores eletrônica	<i>Estúdio 3</i>
Ilustração do personagem Vaga-Lume	<i>Eduardo Carlos Pereira</i>
Tratamento de imagem	<i>Cesar Wolf</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J22c

Jaf, Ivan, 1957-
Consertam-se arco-íris / Ivan Jaf ; ilustrações Fabiana
Salomão. - São Paulo : Ática, 2007.
80p. : il. - (Vaga-Lume Júnior)

Contém suplemento de atividades

ISBN 978-85-08-10779-7

1. Concertos - Literatura infantojuvenil. 2. Menores
abandonados - Literatura infantojuvenil. 3. Alcoolismo -
Literatura infantojuvenil.
I. Salomão, Fabiana. II. Título. III. Série.

06-3902 .

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 10779-7 (aluno)
ISBN 978 85 08 10780-3 (professor)

2012

1ª edição

6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2007
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo - SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



CONSERTAM-SE ARCO-ÍRIS

Você já viu arco-íris caído?
Acho que ninguém tinha
visto antes do Ciro.



Agora, mais difícil do
que arco-íris cair é descobrir
um jeito de colocá-lo de
volta no céu...



Tô curioso demais pra
ver no que vai dar!!! Vamos
seguir Ciro nessa
aventura?



Conhecendo Ivan Jaf



Foto: Pedro Iuá

O carioca Ivan Jaf nasceu em 1957. Tem mais de trinta livros publicados, algumas peças de teatro encenadas e muitos prêmios. No currículo, há ainda roteiros para cinema e histórias de terror em quadrinhos. Estudou Comunicação e Filosofia durante a década de 1970 na UFRJ, passou alguns anos viajando pela Europa e América Latina e hoje mora no alto de uma montanha em Santa Teresa, um bairro do Rio de Janeiro.

Ivan gosta de mergulhar de cabeça em tudo que faz. Na adolescência, lia histórias de faroeste usando chapéu de caubói e chegou até a comprar um cantil para acompanhar um personagem na travessia do deserto do Saara. Quando vai escrever um livro, faz muita pesquisa. É daí que vem, por exemplo, a precisão com que mostra o ofício de sapateiro em *Consertam-se arco-íris* — o leitor é capaz de jurar que ele tem algum sapateiro na família, mas Ivan garante que não.

Tudo aquilo que uma pessoa imaginar pode acontecer, acredita ele, até mesmo um arco-íris cair do céu. E deixa um recado: “a gente só poderia afirmar que algo é impossível se conhecesse todos os cantos do Universo”.



Sumário

1. Nuvem escura num céu azul	7
2. O sapateiro inútil	8
3. O par de sapatos	11
4. Dois maltrapilhos no atalho	15
5. O labirinto de pedras	17
6. Cheiro de orvalho	18
7. O primeiro freguês	20
8. Um rolo de luz úmida	22
9. Doze tipos de neve	24
10. Sabão e muita água	27
11. Tem remendo pra tudo	29
12. Ferramentas para sapatos e arco-íris	32
13. Sapatos com dignidade	35
14. Uma dupla passada a limpo	38
15. Não se pode segurar o que não existe	39
16. Arco-íris não é abacate	42
17. O que é um arco-íris?	45

18. Assombrações na prateleira	46
19. Sem causas naturais	49
20. Propaganda divina	52
21. Santo Ciro	54
22. Milagre estragado	56
23. O pelotão de garrafas inimigas	57
24. Cada um vê o que pode	59
25. As tintas de Deus	61
26. Uma placa de bronze	62
27. Os surdos	64
28. Descoberta na colina	66
29. A garrafa fechada	67
30. Cada coisa no seu lugar	68
31. Ideia luminosa	69
32. Como criança	70
33. Modo de armar	71
34. Frango com farofa	74
35. Como os gatos	77

1 *Nuvem escura num céu azul*



A casa de Arivaldo era pequena. Um quarto e uma sala, nos fundos de um lote. Na frente, voltada para uma estrada de terra, havia uma loja, também pequena, com um letreiro pintado na fachada:

CONSERTAM-SE BICICLETAS OFICINA ARCO-ÍRIS



Ele tinha trabalhado toda a vida como sapateiro, numa cidade grande, e seu maior sonho era se aposentar e ir morar no campo. Era casado, não tinha filhos, e queria passar os últimos anos de sua vida tranquilo, ao lado da mulher que amava, consertando sapatos.

Comprou a casa com a lojinha na frente, perto de uma cadeia de montanhas bonitas. A antiga oficina de bicicletas ia se tornar uma sapataria. Tudo parecia estar dando certo, até a tarde em que sua mulher teve uma dor esquisita no peito e morreu.

Arivaldo não havia pensado nisso.

Foi como se uma nuvem escura encobrisse o sol numa bela tarde de domingo.

Ou como rasgar um cartão-postal lindo antes de colocá-lo no correio.

Todos os objetos deixaram de fazer sentido. A mesa da sala, as cadeiras, o armário com as roupas dentro, o rádio velho e até os sapatos. Ele perdeu o ânimo, considerou seus sonhos cansativos e impossíveis, resolveu viver só da aposentadoria e começou a beber.



Às vezes, quando olhava a fachada da loja, fazia planos. Apagaria de vez aquele letreiro antigo. Pintaria a parede com tinta azul-clara e escreveria “SAPATEIRO”, em letras vermelhas. Isso talvez o animasse a voltar a trabalhar. Mas acabava na rede da varanda, tomando aguardente e adiando o projeto.

Na verdade, aquele letreiro antigo metia medo em Arivaldo. Há cinco anos, ele estava justamente começando a pintar a fachada da loja quando escutou os gritos da mulher, na cozinha.

Como já havia coberto com uma mão de tinta azul-clara as palavras “BICICLETAS” e “OFICINA”, agora quem passasse por ali podia ler apenas:



2 *O sapateiro inútil*



Aquela manhã começou igual às outras.

Arivaldo preparou uma caneca de café com leite, passou manteiga em dois pães e foi comer na rede da pequena varanda da casa, que dava para os fundos da loja.



Entre as duas construções havia um pequeno pátio, sujo, cheio de entulho, com mato crescendo entre as rachaduras do cimento velho do chão. Num varal, duas toalhas rasgadas balançavam ao vento há quase um mês. Um balde de lixo atraía moscas verdes. Lagartos gordos e tranquilos tomavam sol enquanto uma lacraia passeava sobre uma pilha de garrafas vazias. Um carrinho de mão enferrujado, há anos encostado na parede da oficina, parecia um marginal jogado contra o muro para a polícia revistar.

Arivaldo costumava decidir que depois do café faria uma faxina no terreno, terminaria a pintura da fachada da loja, montaria sua oficina de sapateiro... Mas aí tomava uma dose para comemorar a decisão e começava a pensar se tinha algum sentido abrir uma loja de sapateiro naquele lugar... Estava a dez quilômetros da vila mais próxima, sem nenhum vizinho perto, a não ser a pequena birosca depois da ponte. Não passava ninguém por aquela estrada de terra esquecida. E, quando passava, era mais certo estar de bicicleta do que a pé, gastando sapatos.

Além disso, para que tanto esforço? Fazer faxina, montar oficina, arranjar clientes, usar roupas limpas, raspar a barba, passar o dia consertando sapatos... para quê? Não tinha filhos, estava sozinho no mundo, ninguém precisava dele. Ganhava sua aposentadoria, uns dois salários mínimos, não tinha satisfações a dar, já passava dos 65 anos... Podia perfeitamente deixar as coisas como estavam e que se danasse tudo.

Era nesse momento que interrompia o pensamento para ir até a cozinha tomar mais um gole, e depois decidia levar a garrafa para a rede, para não ter de ficar levantando a toda hora. Mas naquela manhã, quando estava voltando para a varanda, ouviu baterem palmas, da estrada.